

Briga pelo governo de São Paulo já começou

SILVIO BRESSAN

Também já foi dada a largada para a sucessão estadual em São Paulo. A um ano e meio das eleições de 1994, os pré-candidatos se movimentam em busca das melhores posições na linha de partida. Estão nesse pelotão de frente o senador Mário Covas (PSDB), o deputado José Dirceu (PT) e a ex-prefeita de Santos Telma de Souza (PT), os mais assumidos candidatos até agora. Um pouco atrás já se colocam os secretários Wagner Rossi (Infra-Estrutura Viária), Arnaldo Jardim (Habitação), Barros Munhoz (Agricultura), José Fernando Boucinhas (Saneamento) e Luiz Carlos Santos (Energia), além do ministro dos Transportes, Alberto Goldmann, todos buscando uma vaga pelo PMDB. Mais distantes, o ex-ministro da Saúde Adib Jatene e o Secretário Municipal do Planejamento, Marcos Cintra, esperam pela definição do prefeito Paulo Maluf (PDS).

Como verdadeiro pole position, o senador Covas não esconde que pretende concorrer ao governo de São Paulo. Segundo seus assessores, ele quer impedir os mesmos erros de outras campanhas, como o de assumir a candidatura na última hora. "Ele acha que a campanha deve começar logo", revela um dirigente tucano. Para demonstrar sua pressa, Covas já contratou, em janeiro, os serviços de uma assessoria de imprensa da Capital. Além de contar com a queda do quercismo no Interior, o senador tucano aposta numa aliança com o PT. Em troca do apoio à candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva à Presidência da República, o PSDB teria a recíproca dos petistas em alguns Estados, como São Paulo. "Numa aliança, o José Dirceu poderia ser nosso vice", planeja um estrategista do PSDB.

Cuidados — Com cautela, os pré-candidatos do PT, José Dirceu e Telma de Souza, preferem deixar para depois a possibilidade de aliança. Dirceu acha que, antes de mais nada, o PT precisa ter candidato próprio. "Se não der certo a aliança, como vamos fazer sem um candidato?", pondera. Embora defenda a coligação com o PSDB em âmbito nacional, acha melhor aguardar pelo apoio dos tucanos à candidatura de Lula. "A partir daí vamos ver quais as condições, e em que Estados, poderemos fazer aliança", observava. Também defensora da aliança, a ex-prefeita Telma de Souza considera que essa será uma segunda etapa: "Não devemos ser pretensiosos, mas também não podemos ficar a reboque".

Esse assunto será discuti-

do na renovação do diretório regional, em maio, e poderá ser decidido na convenção nacional, em junho. Até outubro, a questão deve ser resolvida, porque Dirceu prevê para esse mês a prévia do partido que escolherá o candidato. Seja como for, os dois já começam a se movimentar. Dirceu está fazendo suas primeiras viagens e planeja, para depois do plebiscito, visitar regiões onde seu nome está mais fraco, como Bauru. Ao mesmo tempo, Telma percorre o Interior como presidente estadual do PT. "Minha candidatura não foi postulada, mas apontada pela trajetória política", afirma a ex-prefeita.

Observação — Prudência mesmo existe de sobra no PMDB e no PDS. Sem nomes de expressão, os dois partidos esperam pelos acontecimentos. No PMDB, o governador Luiz Antônio Fleury Filho apenas observa a movimentação de seus secretários. Quem trabalha há mais tempo é Wagner Rossi. Ele tem se reunido com os diretores no Interior e alguns companheiros já lançaram sua candidatura. "É apenas uma homenagem", disfarça. Esse é o mesmo comportamento de seu colega Arnaldo Jardim, que tem viajado muito com Fleury para inaugurar casas pelo Interior. "Sou muito novo ainda e talvez seja candidato a deputado federal no próximo ano", alega.

Também no páreo, Barros Munhoz até já prepara seu primeiro grande lance. Nos próximos 15 dias ele vai trocar o PTB pelo PMDB e entrar firme na disputa. Mais discreto, José Boucinhas aposta em seu perfil técnico. Ainda na disputa pelas benções de Fleury, o secretário Luiz Carlos Santos e o ministro Alberto Goldman podem reprisar uma briga que já ocorreu em âmbito federal. Irritado com a indicação de Goldman para o Ministério dos Transportes, Santos rompeu com o ex-governador Orestes Quêrcia. Agora, mais próximo de Fleury, espera revidar o golpe. Mas todos acham que se Quêrcia resolver se candidatar ao governo estadual não haverá chance para mais ninguém. "Se ele quiser, nenhum de nós terá a pretensão de disputar com ele", resume Rossi.

Posto vago — No PDS, as coisas estão ainda mais indefinidas. Mas existe a certeza de que o prefeito Paulo Maluf será candidato à Presidência da República. "Para ajudar em sua campanha, o Maluf precisará de um bom nome aqui em São Paulo", raciocina um assessor do partido. O médico Adib Jatene e o Secretário Municipal do Planejamento, Marcos Cintra, são os mais cotados.